

CULTURA E IDENTIDADE: EDUCAÇÃO FEMININA NA LITERATURA SERGIPANA

Luiz Carlos Santos Prado

Universidade Federal de Sergipe (UFS).
<http://lattes.cnpq.br/4903921074888232>
<https://orcid.org/0009-0005-9119-2515>
E-mail: pradoteatro@hotmail.com

Diógenes Avelino Freire Filho

Amne Saúde.
<http://lattes.cnpq.br/2087133292704417>
<https://orcid.org/0009-0001-7514-8144>
E-mail: drdiogenesfreire@hotmail.com

Geórgia Gabriela Argôlo Schitini

Profissional autônoma.
<http://lattes.cnpq.br/9570441744124183>
<https://orcid.org/0009-0003-2215>
E-mail: georgiaschitini@yahoo.com.br

Valéria Aparecida Bari

Universidade Federal de Sergipe (UFS).
<http://lattes.cnpq.br/0106962520738975>
<https://orcid.org/0000-0003-2871-5780>
E-mail: valbari@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3-40>

RESUMO: O estudo aborda o tema das relações de gênero na cultura e na sociedade brasileira, tendo como foco a representação da mulher na literatura sergipana, especialmente nas obras de Flora do Prado Maia e Núbia Marques. Analisa os lugares de fala femininos e a maneira como a literatura registra conflitos, desafios, dores e relações de gênero, particularmente no contexto familiar. Identificar e compreender as representações dos lugares de fala da mulher na literatura sergipana, destacando a influência da educação familiar e da socialização primária na construção da identidade feminina e na reprodução de valores, comportamentos e papéis sociais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica narrativa e recensão crítica de obras de duas escritoras representativas da literatura sergipana. O recorte contempla a produção literária da segunda metade do século XX à primeira década do século XXI. São analisadas, entre outras, as obras *Berço de Angústias*, *O passo de Estefânia* e *O sonho e a Sina*, de Núbia Marques, e *Cenários de uma vida*, de Flora do Prado Maia. A análise evidencia que as personagens femininas vivenciam conflitos relacionados ao casamento, à família, ao trabalho doméstico, ao envelhecimento e às expectativas sociais. Em *Cenários de uma vida*, a figura da avó assume papel fundamental na educação de Izaura, transmitindo normas, valores e modelos de comportamento que associam a mulher ao casamento, à maternidade e à administração do lar. Essa transmissão cultural contribui para a reprodução de padrões de gênero e para a construção social da identidade feminina. O estudo demonstra que a literatura constitui

importante fonte para compreender representações socioculturais e processos de socialização. A análise das obras permite perceber como cultura, identidade e imaginário feminino se articulam na construção do “ser mulher”. Conclui-se que a figura da avó desempenha papel significativo na transmissão e perpetuação de representações, valores e papéis sociais femininos no espaço familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Identidade Feminina. Dominação Simbólica. Sociologia da Educação.

CULTURE AND IDENTITY: WOMEN'S EDUCATION IN SERGIPE LITERATURE

ABSTRACT: This paper addresses the theme of gender relations in Brazilian culture and society, focusing on the representation of women in Sergipe literature, especially in the works of Flora do Prado Maia and Núbia Marques. It analyzes the female voices and how literature records conflicts, challenges, pain, and gender relations, particularly in the family context. It aims to identify and understand the representations of women's voices in Sergipe literature, highlighting the influence of family education and primary socialization on the construction of female identity and the reproduction of values, behaviors, and social roles. This is a qualitative, basic research study, developed through a narrative bibliographic review and critical review of works by two representative writers of Sergipe literature. The selection encompasses literary production from the second half of the 20th century to the first decade of the 21st century. Among others, the works *Berço de Angústias*, *O passo de Estefânia*, and *O sonho e a Sina*, by Núbia Marques, and *Cenários de uma vida*, by Flora do Prado Maia, are analyzed. The analysis reveals that the female characters experience conflicts related to marriage, family, domestic work, aging, and social expectations. In *Cenários de uma vida*, the grandmother figure plays a fundamental role in Izaura's education, transmitting norms, values, and behavioral models that associate women with marriage, motherhood, and household management. This cultural transmission contributes to the reproduction of gender patterns and the social construction of female identity. The study demonstrates that literature constitutes an important source for understanding sociocultural representations and socialization processes. The analysis of the works allows us to perceive how culture, identity, and the female imaginary are articulated in the construction of "being a woman." It is concluded that the grandmother figure plays a significant role in the transmission and perpetuation of female representations, values, and social roles within the family space.

KEYWORDS: Literature. Female Identity. Symbolic Domination. Sociology of Education.

INTRODUÇÃO

O tema da presente comunicação científica são as relações de gênero na cultura e sociedade brasileira, refletida na representação da mulher pelas escritoras sergipanas. O presente trabalho busca identificar as representações dos lugares de fala da mulher na literatura sergipana. O texto literário e outros vieses artísticos foram, por vezes, recursos

estratégicos de expressão feminina. Como metodologia, o presente trabalho se configura numa pesquisa qualitativa e básica, por meio de revisão bibliográfica narrativa. O corte temático e temporal é a literatura sergipana da segunda metade do séc. XX até a primeira década do séc. XXI, perfazendo 60 anos de verificação.

A questão de pesquisa que norteou a pesquisa geradora deste artigo foi: **Como as autoras da literatura sergipana Núbia Nascimento Marques e Flora do Prado Maia representaram os conflitos, desafios e dores nas relações de gênero e formação familiar sergipana do séc. XX?** A metodologia utilizada para este trabalho é de caráter básico, constituindo uma recensão, ou seja, análise crítica e resumida de obra bibliográfica, compreendendo trabalhos de duas autoras representativas da literatura sergipana. Flora do Prado Maia, embora sem títulos públicos vinculados à vida literária, foi a primeira mulher a escrever um romance, em terras sergipanas *Cenários de Uma Vida*, publicado em 1957 e dedicado “à mulher sergipana”. Núbia Marques, mais jovem, ingressou na Academia Sergipana de Letras em 1978, ocupando a cadeira do patrono Manoel Ladislau Aranha Dantas.

A literatura sergipana de autoria feminina é campo fértil para pesquisa acerca da educação destinada à mulher, bem como aos lugares de fala desta. Embora seja inegável a maestria da escrita de autoras do aporte de Núbia Marques e Flora do Prado Maia, o devido destaque a essas escritoras ainda não lhes foi destinado.

O presente trabalho busca identificar as representações dos lugares de fala da mulher na literatura sergipana. O texto literário e outros vieses artísticos foram, por vezes, recursos estratégicos de expressão feminina. Como metodologia, o presente trabalho se configura numa pesquisa qualitativa e básica, por meio de revisão bibliográfica narrativa. O corte temático e temporal é a literatura sergipana da segunda metade do séc. XX até a primeira década do séc. XXI, perfazendo 60 anos de verificação.

RECENSÃO LITERÁRIA: FLORA DO PRADO MAIA E NÚBIA MARQUES

Núbia Marques, inegavelmente, foi profícua profissional. Assistente social escritora, poeta, ensaísta, pesquisadora da cultura popular sergipana, elucidou-se no campo da poesia e por meio de três principais romances: *Berço de Angústias* (1967), *O*

passo de Estefânia (1980) e O sonho e a Sina (1992). Desbravadora da literatura feminina sergipana, Núbia Marques consagra-se a partir da década de 1960, publicando poesias, romances, crônicas, ensaios e pesquisas sobre cultura popular, tendo conquistado uma cadeira na Academia Sergipana de Letras, assim como foi docente e pesquisadora na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no primeiro curso de Serviço Social do Estado.

De sua obra Berço de Angústias (1967), destaca-se a protagonista Cíntia, e suas dores relacionadas ao casamento. A personagem fala de um lugar da mulher absorta por afazeres domésticos, os cuidados da casa e a solidão e o desgaste do relacionamento, pontuando, inclusive, que se sente mais só com a presença do marido em casa do que quando ele viaja.

Estefânia, por sua vez, cinge seu passo demarcando fortemente sua busca por equidade. Assistente social, cansada das mazelas e das desigualdades, tendo que lidar com as frustrações de seu cotidiano: “Vamos, covardes, amputem minhas mãos para que nunca mais escreva uma só palavra de amor ou de ódio. Deixem intacta minha consciência, minha verdade” (Marques, 1980, p. 95).

A personagem Anastácia, de O sonho e a Sina, é protagonista do enredo em que se destaca as consequências da passagem do tempo e as angústias da velhice de uma professora aposentada, que além de ter de lidar com os fios da memória, é constrangida a rever as dificuldades concernentes aos vínculos intergeracionais. Sentada à sua cadeira de balanço, a idosa percorre as lembranças de sua jornada e suas perdas: “O nada e a sensação de vazio tomam conta dos espaços da minha geografia interior” (Marques, 1998, p. 144). Enquanto costura, em sua cadeira de balanço, Anastácia alinhava suas recordações, no ir e vir das circunstâncias: “O dedal, a caneta corrigindo provas, as mãos imersas no sabão alvejando as roupas, a colher de pau rodando os alimentos na panela, o pisar cuidadoso dentro da noite no embalo dos filhos, o morrer a cada minuto refazendo a vida” (1998, p. 145).

Anteriormente, em 1957, era publicada a narrativa literária de Flora do Prado Maia, a qual elucida a figura da mulher frente ao controle do corpo e dos costumes, estes perpetuados pelo patriarcalismo.

A narrativa de tal escritora, relegada ao esquecimento pela crítica literária, serve de fonte de estudo no que se refere ao romance feminino que elucida a figura da mulher em meio a uma educação conservadora. Por isso, interpretar as representações e valores perpetuados na educação ministrada pela figura da anciã no que diz respeito ao ser mulher frente à cultura e suas manipulações simbólicas, às convicções sociais, é procurar compreender e analisar os símbolos apropriados nas práticas cotidianas, destacando a percepção do casamento, como resultante do desejo de a mulher “encontrar o príncipe encantado”, após internalizar o modelo que o corpo social perpetua.

No que concerne a produção artístico-literária de Flora do Prado, é notória a representação psicossocial da avó no processo de construção da identidade feminina no seio familiar metaforizada na literatura sergipana de Flora do Prado Maia, entre as décadas de 1940 a 1960; o que leva seus leitores a refletir acerca do processo de socialização primária feminina, buscando, assim, imagens e recriações de experiências de vida no âmbito psicossocial ocorridas no espaço doméstico. Considerando-se o fato de que é relevante a aquisição de capital cultural e processo de aquisição do *habitus*, considerado por Bourdieu e Passeron como: “princípio gerador e unificador das condutas e das opiniões que é também o princípio explicativo, já que tende a reproduzir [...] o sistema de condições objetivas de que ele é produto” (1975, p. 170-171).

Buscando elucidar tais aspectos acima citados privilegia-se aqui a obra “Cenários de uma vida”, de Flora do Prado Maia, escrita em 1957, sob a égide da literatura, destaca-se enquanto uma particularidade no cenário artístico sergipano, por trazer à tona o percurso do ser mulher, metaforizada e protagonizada na figura de Izaura, que quando criança, ficou órfã de mãe e é educada pela avó paterna num espaço em que, já quando adulta, emana a morte do primeiro marido e o desejo de casar-se novamente.

A narrativa começa com o velório de Juca, primeiro esposo de Izaura. Nesse espaço fúnebre, a protagonista recorda momentos de sua infância e elucida que só se casara com Juca por conta dos vários conselhos da avó. Esta é holofotizada na história da personagem aqui estudada. Nesta anciã ela se projeta num percurso em que se destacam o passado, o presente e o futuro. Em sua história, suscitam-se representações de valores, cosmovisões e experiências humanas em determinadas épocas, uma vez que muitos destes conhecimentos trazem à baila a figura do ser e dos símbolos que o rodeiam: “Você é uma

moça da sociedade, e, se alguém a visse desse modo, poderia censurá-la” (Maia, 1954, p. 61).

Infere-se assim que é a partir das ideologias perpetuadas, no seio familiar, que o indivíduo vai sendo modelado e absorvendo padrões *a posteriori* internalizados: “Minha Avó me chamava espírito de contradição [...]. – Tenha modos, menina; isto não lhe assenta, você já é uma moça (Maia, 1954, p. 61). Nesse trecho, evidencia-se que, na trama, a mulher é relegada ao espaço privado, doméstico, sem visibilidade pública. Conforme Bourdieu (1999, p. 41) “As mulheres[...] vêm-se-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos”.

Izaura, por vezes, busca corresponder aos anseios da avó, a qual procura educá-las sob a égide de um modelo de perfeição enquanto administradora do lar. Ao que parece, nesse aspecto, a mulher-avó representa um modelo a ser seguido, apesar de, muitas vezes, figurar como um ser detentor de valores ultrapassados e conservadores aos olhos das netas. Nestas últimas, a mulher idosa, gerenciadora do lar, se projeta e passa a administrar-lhes a formação de maneira ativa não aceitando comportamentos transgressores: “As moças de hoje não têm mais pudor; vejam só que escândalo! Andam nuas em toda parte” (Maia, 1954, p. 87). A educação feminina, portanto, surge como modeladora da personalidade do indivíduo.

A necessidade de sobrevivência é a principal motivação para a mediação de conhecimentos e, posteriormente, a instituição de processos educativos formais, informais e não-formais, em diferentes culturas. Como fenômeno social, a Educação também pode ser segmentada segundo os papéis, direitos e deveres, que podem ser atribuídos de modo igualitário entre os cidadãos, mas tem sido segmentado no interesse de disputas sociais de poder. Segundo Menezes:

A necessidade de educação nasce a partir dessa realidade humana de inacabamento de um ser que precisa aprender para sobreviver (Menezes, 2002, p. 13).

Falando sobre a Educação feminina, processos de distinção de conteúdos por gênero e predominância de elementos de economia doméstica voltadas para as mulheres, acentuaram a exclusão delas no mundo científico.

[...] A contemplação e a especulação não são habilidades femininas. Fica evidente a ênfase numa memorização das mulheres, que faz com que sejam excluídas da esfera do saber (Menezes, 2002, p. 18).

Diante disso, muitas mulheres, por não conseguirem concretizar os ideais de maneira plena, vivem num constante conflito, não apenas interior, mas também com a família: “– Você já deu até para isso? Era só o que faltava! Felizmente Manuel em breve estará aqui para dar um jeito à sua vida; só ele pode fazer isso” (Maia, 1957, p. 167), pois, há personagens que representam atitudes que nem sempre condizem com os enquadramentos convenientes à sociedade.

A família, portanto, sendo o primeiro núcleo social do indivíduo e criando, cultivando e reproduzindo padrões, apresenta-se como espaço gerador de conflitos das personagens: “que é a vida afinal? Uma série de lutas, dissabores, decepções, sofrimentos e lágrimas! Os momentos de alegria são curtos e passageiros” (Maia, 1957, p. 17).

Assim, a personagem em estudo, apesar de destacar os momentos felizes de sua infância e adolescência, alude à educação feminina como um marco gerador de certos desejos e angústias. É a instituição familiar, “lugar” de apreensão de imagens solidificadas, transmissoras de papéis modeladores, que, muitas vezes, se torna empecilho para legitimação da mulher nos diversos campos da vida em sociedade: “Você pretende sair à rua com este vestido? Isto é um desrespeito a memória de seu marido” (Maia, 1957, p. 185).

É mister observar que o capital social de uma mulher fica comprometido, segundo Menezes, criando condições desiguais para a autonomia masculina. A gestão coletiva dos corpos femininos, aos quais são impostas responsabilidades, vetada a recusa pela pressão social da coletividade. Para Menezes:

A gravidez, o parto, a puberdade, a menopausa mostram um corpo efêmero, desequilibrado. O fato era que as mulheres adoeciam mais que os homens, mas isso se dava, basicamente, às péssimas condições sócias, coisa que a ciência não levava em conta (Menezes, 2002, p. 20).

Quanto as justificativas, inscritas na cultura ocidental, de característica interseccionais de gênero, são justificadas por aproximações filosóficas, mediadas no corpo da cultura. Porém, o sujeito do discurso filosófico é masculino, a ponto de Derrida dizer que “o desejo metafísico é extremamente viril” (Menezes, 2002, p. 21).

Diante das imposições da avó, Izaura luta por fazer-se afirmar enquanto desejosa/desejante de algumas subversões, retrucadas pela anciã: “Vá logo tirar essa roupa, antes que alguém a veja assim! Que cabeça louca! Não contente em ondular o cabelo, vive agora se ensaiando para tirar o luto” (Maia, 1957, p. 185). Tal passagem traz à baila os ensinamentos passados pela avó e apreendidos pelas netas, fornecendo indícios de comportamentos, valores e experiências, pilares da construção da identidade feminina a partir da educação dada pela idosa, o que prova que a identidade é um construto social.

A partir da jornada de Izaura conhecem-se certas práticas educativas domésticas realizadas pelas avós e como estas interferem no processo de apropriação e de comportamentos no cotidiano das netas: “Todas as noites minha avó me ensinava a rezar” (Maia, 1957, p. 32). Assim, verifica-se a colaboração e o domínio da mulher idosa na socialização primária da neta “acha que só ela tinha o direito de me repreender e ninguém mais” (Maia, 1957, p. 21).

Aludindo à *tertia d’O Poder Simbólico*, de Bourdieu (2003, p. 14), percebe-se nesse excerto do romance a “ideologia do discurso dominante”, a qual, segundo o referido sociólogo, “impõe apreensão da ordem estabelecida como natural por meio de imposição mascarada de sistemas de classificação e estruturas mentais objetivamente ajustadas às estruturas mentais”.

Assim, a narrativa aqui analisada elucida registros que denotam referências ao modo como a avó acha que a neta deveria proceder na prática cotidiana: “você porque é desperdiçada usa uma meia duas vezes e sacode-a no canto” (Maia, 1957, p. 137). Ao serem educadas por aquelas que perpetuam valores do que é ser mulher, a netas cristalizam tradições, presentificando a herança cultural no que concerne ao protótipo feminino ideal.

A construção da identidade feminina e a influência da educação primária nela, portanto, em “Cenários de uma vida”, destacam a socialização primária, lugar onde os seres visitam e se apropriam de certos símbolos perpetuados pelos mecanismos culturais: imagens, valores, ideologias referentes à formação da sua identidade.

Dessa maneira, as experiências servem de ponto de referência para a percepção de como arquétipos são passados a novas gerações, edificando desígnios solidificados, paulatinamente, ao longo do tempo.

Nesse processo de construção, a aprendizagem doméstica pauta-se para preceitos e práticas educacionais em que o perfil da mulher se remete a uma perpetuação, levando-a a reproduzir constantemente papéis sociais apropriados no decorrer de sua formação: “Acabe com essa história de passeios abraçada, isso não lhe fica bem.” (Maia, 1957, p. 67). Assim, a conduta dos agentes sociais, segundo Bourdieu (1975, p. 170-171), é orientada pelas normas e regras incorporadas pelos sujeitos.

Simone de Beauvoir, um clássico no que concerne aos estudos relacionados a gênero, afirma que tal representação é fruto de uma construção social, uma vez que, conforme a autora:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (Beauvoir, 1990, p. 309).

Contextualizando, pode-se afirmar que as mulheres, retratadas na obra de Flora do Prado Maia, introjetam diversos protótipos femininos, certamente fruto de sua infância, fase está, na qual é, possivelmente, salientada a preocupação de educar a mulheres para o casamento, a procriação e o fomento da educação de seus filhos. Dessa forma, são elas que gerenciam, a partir de modelos culturais de imposição, o lar. Essa concepção “gerencial” é reproduzida por práticas, sejam políticas, sociais ou discursivas, de imposição de um modelo cultural: “Isso já passa de cinismo, é um desfrute” (Maia, 1957, p. 89). Aqui, seja pontuada novamente a concepção de Bourdieu acerca da resignação feminina: “as mulheres só podem exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força, ou aceitando se apagar” (1999, p. 42).

Outrossim, considerando-se a validação de Beauvoir, de que “A velhice não surge como o limite extremo da condição humana” (1976, p. 239), é na transmissão de concepções de que lança mão a mulher-avó para educar suas netas no controle do lar, estas se apropriam de representações psicossociais transmitidas pelas avós, muitas vezes, frustradas por não conseguirem concretizar seus sonhos de mulheres emancipadas, muitas delas, pois, reproduzem e projetam nas netas a perpetuação das castas sexuais, o que designa seu espaço de destaque na construção e preservação de símbolos, inclusive nos vínculos familiares.

[...] nessas circunstâncias cruzam-se duas facetas no momento de vida dessas pessoas: a velhice e o papel de avós. A sensação de que controlam suas vidas na velhice, quando os filhos já estão adultos e criados, leva as avós a se sentirem capazes de expandir esse controle para toda a família (Barros, 1987, p. 132).

Igualmente, infere-se que, no processo de educação feminina, a avó denota grande relevância e torna-se figura permanente, mostrando preocupação na socialização dos netos.

[...] estar perto dos netos no cotidiano de suas vidas, acompanhar seu crescimento, emitir opiniões [...] são elementos sempre presentes nos discursos dos avós quando falam dos netos. É através deles que os avós estão presentes no futuro, é preciso que sua presença fique marcada nos netos (Barros, 1987, p. 93).

Tal presença é marcada pela transmissão de condutas morais e simbólicas às netas, como imagens a elas impostas, sobre a necessidade feminina do enlace conjugal, como meio de adquirir a felicidade e a panaceia para todos os males. Nessa relação avó-família, muitas mulheres defrontam-se com modelos, pautando suas construções íntimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, estudar o processo de socialização primária a partir de fontes literárias é buscar o não-dito, o inconcluso, o metaforizado; é debruçar-se nas entrelinhas do texto, tendo consciência de que os significados jamais terminam. Sendo, por isso, um enfrentar os desafios existentes nas lacunas da arte. Ademais, é, nesse espaço, que o caráter plural permite ao leitor vasculhar os recônditos de muitas imagens e representações socioculturais.

Fruto disso, voltou-se o olhar para as possíveis relações existentes entre cultura, identidade e imaginário feminino, visualizando a construção do ser-mulher bem como a influência da educação primária nesta, uma vez que é através da socialização primária que o indivíduo visitará e se apropriará de certos símbolos, elucidados pela cultura e pelo mundo dos adultos que, supostamente, gerenciam a infância – imagens, valores, ideologias referentes à construção da identidade.

Portanto, este estudo, ao priorizar o viés investigativo das décadas de 1940 a 1960, momento em que se nota a atuação da mulher no cenário artístico - cultural

brasileiro, e ao debruçar-se na literatura para perceber a importância da avó no âmbito socioeducativo, percebeu que representações concernentes ao ser mulher são perpetuadas pela anciã quando esta gerência o lar e a educação primária das netas.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto; avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1987.
- BEAVOUIR, Simone. **A velhice**: a realidade incômoda. Rio de Janeiro/RJ: DIFEL, 1976
- BEAVOUIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro/RJ: Francisco Alves, 1975.
- CARVALHO, Maria Leônia Garcia Costa. O sonho e a sina: a essencialidade feminina. **Travessias Interativas**, São Cristóvão/SE, v. 8, n. 16, pág. 364–378, 2018. DOI: 10.51951/ti.v8i16. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/travessias/article/view/10297>. Acesso em: 22 jul. 2026.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília/BR: Plano Editora, 2003.
- MAIA, Flora do Prado. **Cenários de uma vida**. Aracaju/SE: Escola Industrial de Aracaju, 1957.
- MARQUES, Núbia. **Berço de Angústia**. São Paulo/SP: Ed. Grafica Tiete. 1967.
- MARQUES, Núbia. **O Passo de Estefânia**. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Achiamé, 1980
- MARQUES, Núbia. **O Sonho e a Sina**. Manaus/AM: Umberto Calderano, 1992.
- MELNIKOFF, E. A. A. **Trajetória de Núbia Nascimento Marques**: contribuições para a Educação em Sergipe (1978-1999). 2014. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe//PPGED/UFS, São Cristóvão/SE, 2010. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/4925>. Acesso em: 22 jul. 2026.
- MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In: TIBURI, Márcia (org.); MENEZES, Magali Mendes de (org.); EGGERT, Edla (org.). **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 13-22.

Submissão: maio de 2026. Aceite: junho de 2026. Publicação: agosto de 2026.